



Outras formas de participação e mobilização social: a experiência criativa no Núcleo de Vigília Cidadã São João da Barra do PEA Territórios do Petróleo

Paulo Emílio Azevedo¹
Marcelo Carlos Gantos²

Resumo: o artigo em vigor apresenta um ensaio sobre uma experiência criativa, ocorrida entre os meses de fevereiro e março de 2018, desenvolvida no âmbito do Núcleo de Vigília Cidadã (NVC) do município de São João da Barra/RJ. Investiga-se de que modo tal produção constrói outros modos de fazer e agir às possibilidades de participação e mobilização social dos envolvidos, conforme perspectiva crítica adotada pelo Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo do PEA-BC. Ressalta-se a dimensão pedagógica revelada pelo modelo de educação não formal. As metodologias utilizadas foram a Etnografia e Observação participante, com destaque às histórias de vida/oral e as devidas situações que se deram no percurso da experiência.

Palavras-chaves: Projeto “Territórios do Petróleo”. NVC de São João da Barra. Arte.

Other forms of participation and social mobilization: the creative experience in the Vigil Citizen Nucleus São João da Barra of PEA Territorios do Petróleo

Abstract: the present article presents an essay about one creative experience that took place between the months of february and march of 2018, developed within the framework of the Vigil Citizen Nucleus (VCN) of the municipality of São João da Barra/RJ. It is investigated how this production builds other ways of doing and acting on the possibilities of participation and social mobilization of those involved, in accordance with the critical perspective adopted by the Project “Territórios do Petróleo” of the PEA-BC. It is important the pedagogical dimension of the project, guided through the model of non-formal education. The methodologies used were participant Ethnography and Observation, highlighting the life / oral histories and the due situations that occurred in the course of the experience.

Key words: Project “Territórios do Petróleo”, VCN of São João da Barra, Art.

1 Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio com especialização em Antropologia do Corpo e Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2006). E-mail: ciem.h2@gmail.com

2 Possui graduação em História pela Universidad Nacional de Mar del Plata (1987), Mestrado em História Urbana pela Universidade Federal Fluminense (1992) e Doutorado em História Social da América também pela Universidade Federal Fluminense (1998). E-mail: mcgantos@hotmail.com

Otras formas de participación y movilización social: la experiencia creativa en el Núcleo de Vigília Ciudadana São João da Barra del PEA Territorios do Petróleo

Resumo: el artículo en vigor presenta un ensayo sobre una experiencia creativa, ocurrida entre los meses de febrero y marzo de 2018, desarrollada en el ámbito del Núcleo de Vigília Ciudadana (NVC) del municipio de São João da Barra/RJ. Se investiga de qué modo tal producción construye otros modos de hacer y actuar a las posibilidades de participación y movilización social de los involucrados, conforme perspectiva crítica adoptada por el Proyecto de Educación Ambiental Territorios del Petróleo del PEA-BC. Se resalta la dimensión pedagógica revelada por el modelo de educación no formal. Las metodologías utilizadas fueron la Etnografía y Observación participante, con destaque a las historias de vida/oral y las debidas situaciones que se dieron en el recorrido de la experiencia.

Palavras-chaves: Proyecto “Territórios do Petróleo”. NVC del São João da Barra. Arte.

Introdução

A narrativa em questão dialoga com o viés das estratégias pedagógicas pensadas para o Ciclo II do Projeto de Educação Ambiental “Territórios do Petróleo, na linha de pesquisa “Royalties e Vigília Cidadã”³. Tais estratégias estão diretamente relacionadas com os objetivos principais do Projeto na forma de encarar outras potencialidades de ação comunitária aqui representada pela “dimensão expressivo-simbólica da participação”⁴. Quando, pois, seus conteúdos versam por formas não institucionais de ação, porém com alto nível de comprometimento dos envolvidos conforme identificação dos mesmos pelos temas em voga e as formas distintas de produzir desdobramentos, impactos nas agendas e influenciar decisões. Trata-se, portanto, da participação social de novos atores sociais e políticos à construção de políticas públicas e relação de transparência das ações do Estado.

Não obstante, tais estratégias se justificam conforme as constatações apontadas nos anexos do Relatório Anual de 2015 do Ciclo I. Nelas foram registradas um baixo índice da percepção (crítica) por parte dos grupos sociais vulneráveis⁵ quanto aos impactos dos royalties e a delimitação dos problemas que subsidiam o debate acerca do controle social na Bacia de Campos. Desse modo, refletiu-se sobre o uso de outras formas que ativassem a mobilização e participação social desses grupos: difusão de práticas com ênfase na esfera comunitária, por sua vez caracterizada pelo ambiente de partilha, cujo fulcro do seu desenvolvimento é evidenciado pela existência dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVC) em

³ Iniciado em maio de 2014 está inserido na linha de Ação B do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC), denominada “Controle Social da aplicação de royalties e de participações especiais da produção de petróleo e gás natural”.

⁴ Ver mais em Teixeira (2001).

⁵ Ver mais em Plano de Trabalho PEA-BC, 2016.

dez municípios⁶ do Estado do Rio de Janeiro. É da continuidade e aprofundamento dessas práticas que nasce no Ciclo III a presença da experiência criativa, em princípio com o Teatro. De modo geral, os NVCs têm por função elementar dar

seguimento a um processo educativo de caráter popular e não formal⁷ [...] espaços de educação ambiental comunitários voltados para o exercício da Vigília Cidadã (VC) e apoio à formação socioambiental e cívica de seus integrantes [...] operar gradativamente processos educativos apoiados na pesquisa, geração, partilha e disseminação de informações sobre royalties na BC [...] promover a discussão coletiva sobre o licenciamento ambiental, impactos da indústria do petróleo e sua relação com a vida cotidiana das comunidades, promovendo ambientes de cooperação, visão crítica e justiça socioambiental. (PETRÓLEO, 2016, p.4)

Apesar dos objetivos serem comuns aos NVCs, cada um reflete em seus debates questões específicas que fazem jus aos respectivos municípios de origem. Não obstante, a participação de cada membro/ núcleo se faz enquanto porta voz de suas distintas comunidades. Essa particularidade propicia espaços de representatividade; também fluxo e refluxo da informação: primeiramente compartilhada nos núcleos, a partir da mediação dos técnicos locais e de apoio, ela é levada por esses porta-vozes (membros) e promovida em seus bairros. Por sua vez, na forma de refluxo as demandas das comunidades são trazidas pelos porta-vozes a fim de que os núcleos debatam os problemas apontados a transformá-los em ações coletivas no uso do pleito democrático-legal que se dispõe.

Embora a importância de articulação em cada núcleo, neste artigo nos aproximaremos mais daquele localizado em São João da Barra; consoante ação que reporta tal demanda por outra via de escoamento das ideias: a expressão artística. A cidade se faz ora lugar de morada; também palco para espelhar as expressões dos atores sociais na cena.

O lugar e o espaço: possibilidades de (re)conversação

Apenas hoje é que começamos a apreender a especificidade da cidade (dos fenômenos urbanos). A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estado etc), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto. Entretanto, as transformações da cidade não são os resultados passivos da globalidade social, de suas modificações. A cidade depende também e não menos essencialmente das relações de imediatez, das relações diretas entre as pessoas e grupos que compõem a sociedade (família, corpos organizados, profissões e

⁶ Campos dos Goytacazes, Macaé, São João da Barra, Quissamã, Carapebus, Casimiro de Abreu, Rio das Ostras, Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo.

⁷ Aquele que é desenvolvido fora do ambiente escolar tradicional.

corporações etc); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações [...] Desta forma, a cidade é obra a ser associada mais como obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”. (LEFEBVRE, p.51-52, 2001)

A perspectiva elucidada em Lefebvre (2001) nos traz à luz da importância de uma sociedade civil organizada na ressignificação da cidade; os espaços físicos e simbólicos ocupados como parte de ágoras contínuas; o debate em torno da esfera pública; a agenda e o destino das comunidades envolvidas nessa circunferência. Todavia, há de se ressaltar que quando alguns direitos constitucionais e a devida oferta de serviços básicos estão ameaçados, tal dimensão participativa é conseqüentemente afetada. Tomemos o exemplo de São João da Barra⁸ – município brasileiro localizado no Norte Fluminense (RJ), com aproximadamente 35 mil habitantes (IBGE) – no que se refere ao item ‘transporte público’. Após conviver com jejum de progresso durante a maior parte do século XX, o município ganhou visibilidade no cenário nacional com a descoberta de petróleo na [Bacia de Campos](#) (BC), ainda no final desse mesmo século⁹. Mais especificamente, a exploração se concentrou na região do Açú – empreendida, a partir de então como “Porto do Açú”¹⁰ -, o qual faz parte do quinto e maior distrito¹¹ de São João da Barra: Pipeiras.

Dois dramas emergem da primeira constatação: primeiramente, tal região apesar de estar localizada (geograficamente) no campo e marcada por forte evidência na agricultura (e pesca) é quem concentra a atividade principal de indústria do município. Observa-se um conflito dessas estruturas (delimitadas) entre cidade e campo/ urbano e rural. Lefebvre (2001) identifica a incompatibilidade da economia e do modo de vida camponês com o projeto de “revolução urbana”¹²; tal separação/oposição não pode ser dissociada da divisão social do trabalho. Mas, tomando como referência a evolução do processo histórico nas contradições entre cidade e urbano/ campo e rural, faz-se a convenção de que tal distinção

⁸ Criado em 1677; até a chegada dos portugueses ao Brasil (séc. XVI), toda a região da foz do [Rio Paraíba do Sul](#) era ocupada pelos [índios Goitacá](#). No séc. XVIII, a vila se tornou um importante ponto de passagem para o açúcar vindo de [Campos dos Goytacazes](#) à [Salvador](#). Em junho de 1850, a vila foi elevada à condição de cidade por decreto de Dom Pedro II.

⁹ A receita anual de royalties em 1999 era de R\$5.361.638,18. Já em 2006, após iniciada a “era Açú” chegou a R\$46.378.044,37. Em 2018, por diversos motivos, como, por exemplo, o esgotamento de diversas fontes, a receita é de R\$16.924.902,80 (INFOROYALTIES).

¹⁰ Começou a operar em outubro de 2014. Empreendimento desenvolvido pela empresa Prumo Logística. Antes de pertencer à Prumo, o Porto foi um logístico da empresa [LLX Logística S.A.](#) que fazia parte do grupo [EBX](#), controlado por Eike Batista.

¹¹ A cidade possui seis distritos: Grussaí, Sede, Atafona, Cajueiro, Pipeiras* e Barcelos.

¹² No caso de São João da Barra, a população narra uma desapropriação brutal e arbitrária.

nas suas funções e conteúdos (não ignorada, existir em suas bases arquitetônicas e materiais) deixam de expressar uma contradição e passam a ser imersas no tecido urbano.

Superado, em princípio, o primeiro drama, vamos nos ater ao fato de que reconhecido tal processo de exploração das riquezas naturais, opera-se em seguida o pagamento dos royalties por parte dos proponentes ao poder público. Este por sua vez, fazendo uso de seus representantes e os dispositivos burocráticos legais, devem da melhor forma aplicar tais recursos na melhoria da qualidade de vida da população, garantindo não apenas os direitos constitucionais supracitados, mas, e, sobretudo, a melhora dos serviços básicos ao acesso da mesma. Eis o dilema: em São João da Barra, um desses serviços – o transporte público – além de precário e injusto, impossibilita inúmeras vezes o direito de “ir e vir”. Este é o segundo drama que deve ser elucidado; é também a partir do mesmo que nos aproximamos como matéria ou pauta para ver nascer uma experiência criativa. Foi urgente e necessário conduzir a indignação (visível em cada participante do NVC) por diferentes vias do dizer, do agir e do sentir.

Outras gramáticas políticas

O sociólogo Stuart Hall (2004) nos mostra que na compressão deste espaço-tempo pós-moderno globalizado, a identidade cultural entra em crise graças à *descentração do sujeito*, de seu lugar no mundo social e cultural. Há, pois, uma fragmentação do sujeito e a perda de um sentido de si. Nesta estrutura flutuante não há como isolar o processo de construção de identidades individuais das coletivas; elas se constituem reciprocamente – cada pessoa é, também a partir do outro. O “sujeito sociológico” entrou em colapso.

Já para Michel Maffesoli (2002) esse processo de identificação (mais que de identidade propriamente dita), a qual implica numa relação (e não em uma noção de indivíduo estável e contínuo), aparece na esfera da “proxemia”; tempo-espaço resultante das afetividades coletivas instáveis na diversidade cultural pós-moderna. Ainda no campo das Ciências Sociais, refletimos que em Hardt & Negri (2001), estes por sua vez apoiados no pensamento de Michel Foucault, tratam a questão a partir de um novo paradigma de poder que rege as sociedades de massa – o “biopoder”.

Neste paradigma, entende-se que a sociedade de controle aparece determinado a romper com a sociedade disciplinar ganhando força no corpo coletivo e postulando dinâmicas que podem ser mais democráticas e descentralizadas e, também mais imanentes ao campo social. A vida em sociedade passa, pois, a ser regulada por dentro; ativada constantemente pelo próprio desejo dos indivíduos – o mesmo que, outra vez, Maffesoli

(2002) nos diz sobre a constituição de uma grande “comunidade emocional” em oposição ao modelo de organização racional típico da sociedade moderna. O paradigma disciplinar vai sendo gradativamente substituído, dando vazão a uma outra hegemonia que vem deslocar a centralidade do Estado, configurando um novo arranjo de poder, no qual os movimentos sociais ganham expressão como novos atores políticos. Entra em cena o contexto biopolítico, no qual o corpo nas suas distintas abordagens (biológico, somático, físico) se transforma num instrumento de poder e cerne da reforma das estruturas sociais.

Por fim, tomando a referência da perspectiva educacional cabe dizer que um dos pontos fundamentais a considerar nesta experiência do “grupo” é que o conhecimento é produzido no diálogo entre sujeitos mediados pela realidade (FREIRE, 1970). A aprendizagem, nesse sentido, é um processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento (FREITAS, 2002) - a construção do conhecimento e a apreensão da realidade experimentada nos NVC são processos coletivos que tem como ponto de partida a curiosidade dos sujeitos, a qual nasce ingênua da indagação sobre o mundo e deve ser superada por meio de sua criticização, e da "rigoriedade" metódica, tornando-se curiosidade epistemológica. Isto é: fazer com que o conhecimento também evolua do senso comum para se tornar um conhecimento científico.

Unindo estas teorias entendemos que estamos em deslocamento, passando de uma política de identidade (de classe e cultura) para uma política de diferença (HALL, 2004) – é dessa atitude coletiva e comunitária, calcada na ambivalência da proximidade e da organização política que vemos nascer essa experiência estética em São João da Barra – os participantes são moradores da cidade e sujeitos da pesquisa no Núcleo de Vigília Cidadã.

O processo criativo

Cidade pede um transporte para todos/ a van que leve o idoso para o posto/ e a criança não pode ficar de fora/ busão¹³ passando no horário pra escola [...] Adolescente em busca de formação/ participando do futuro da nação/ a voz que fala, com atitude e muita garra/ é terra fértil de São João da Barra [...] Ê, ê quero saber se o dinheiro é pra fazer/ quero saber ou se o dinheiro é pra você (AZEVEDO & DOMINGOS, 2018).

Quando a *vontade de agir* se une à possibilidade comunitária e uníssona do “indignar-se”, encontramos terreno propício para que o campo criativo se manifeste e a

¹³ Termo popular para caracterizar a palavra ‘ônibus’.

utopia se apresente como parte indispensável da cena pública. “Terra fértil”¹⁴, título da apresentação que ora interpretamos é uma produção na forma de esquete¹⁵ que se desenvolveu como modo distinto em dar visibilidade a alguns problemas – sobretudo do transporte – que assolam a cidade e seus munícipes. Refletida por outra via de expressão, a ação tem como foco servir como possibilidade de partilha comunitária, não obstante; mais uma forma de pressão política, a fim de que tais problemas recebam a devida atenção na agenda pública. Prioridade que nesse caso é urgência, mas também é um direito do cidadão. Prioridade que nesse caso é dever do poder público assegurar tais direitos e serviços, sobretudo, se esse município recebe regularmente os royalties do petróleo. Sobre tal dimensão expressivo-simbólica da participação, cabe dizer que

Seus mecanismos e instrumentos são específicos e diversificados, muitos resultantes da criatividade e da não submissão aos padrões estabelecidos, indo das formas leves e lúdicas, como o abraço de milhares de pessoas a um sítio que se quer preservar, às mais agressivas, como o fechamento de uma rua, uma greve de fome, protestos etc. Esse elemento simbólico [...] exprime aí sentimentos, identidades e até demandas específicas dos diversos atores, e seria superficial lê-lo como mera encenação e teatralidade, com objetivo instrumental e estratégico, como na visão da chamada “política simbólica” — muitas situações, objeto da ação expressiva, já são, por si, dramáticas (exclusão, opressão, discriminação). Trata-se também de ações que [...] poderiam ser consideradas como “identificantes”, no sentido de visarem produzir símbolos que servem aos membros de uma coletividade para se reconhecerem como tais, comunicarem sua solidariedade. (TEIXEIRA, p. 40-41, 2001)

Mas apesar do desejo conjunto da ação, muitos desafios estavam antes declarados:

a) como levar, de modo seguro e relevante, um grupo sem a mínima vivência artística para o palco (mesmo que o palco não fosse um teatro), tendo em vista o prazo exíguo (inferior a dois meses) de montagem do esquete?

b) quais seriam os riscos de ao invés a mensagem pretendida ter a devida visibilidade e frequência, ficarem seus atores sociais (agora também no papel de atores) expostos e os temas em voga banalizados?

Enquanto observador participante (ao chegar no campo), apesar da urgência de resultados, perscrutei a despretensão, o ver e o caminhar. Lembremos que nessa forma de condução etnográfica, a cena que se apresenta não é, necessariamente, exterior ao ambiente

¹⁴ O título também surge como forma de ‘imaginar’ outra referência a presença do solo que passou a sofrer uma série de alterações (e a conseqüente salinização dos lençóis freáticos) quando da chegada do Complexo do Açú. Uma terra fértil no sentido de gente criativa que se reinventa a cada dia.

¹⁵ Peça de curta duração (do inglês “sketch”), em geral de até 10 minutos, contendo caráter cômico, com a devida criticidade ou ironia acentuada e que muito se aproveita da capacidade de improvisação dos envolvidos. O apelo ao uso de paródias é bastante recorrente no gênero.

daquele que observa; o autor também está em cena. Em seguida, vem a função de interpretar e dar valor social, político e afetivo a estas vozes e polifonias que atravessam o processo. Todavia, nesse percurso é preciso um ajuste de perspectiva entre a silhueta traçada de si próprio e a paisagem em volta, isto é, o próprio diálogo das proporções entre o observador e o cenário observado (SILVA, 2009) – de qualquer modo, cabe dizer que eu só havia ido a São João da Barra única vez nos idos da década de 90, mais precisamente numa competição esportiva, na praia de Atafona¹⁶. De fato, muitos desafios anunciados.

No primeiro contato com o grupo que variou de quinze a vinte pessoas – sublinhada a diversidade do mesmo e seu aspecto inter-geracional¹⁷ –, optei pela escuta e observação das interações: a linguagem e verborragias adjacentes, as brincadeiras, os gestos, o *habitus* (BOURDIEU, 1979) e os comportamentos (silenciosos ou exagerados), as expressões locais repetidas e as mais variadas formas de comunicação (seja na reunião em si e ou nos seus intervalos, como na hora do lanche). Mas, era preciso avançar bem mais.

No dia seguinte fui convidado para conhecer a realidade de parte das pessoas envolvidas no processo, estando a maioria localizada no Açú. Mais de perto, no corpo a corpo com os membros do NVC em suas casas, houve imediatamente outra compreensão dos fenômenos que atravessavam o projeto e a própria dimensão criativa envolvida. A participação social daquela população, não fosse a ação direta dos técnicos do Núcleo e os meios necessários para se fazer valer a mesma, estaria ameaçada. Não bastasse a péssima qualidade da estrada para o Açú, registra-se que não há transporte público que possa assegurar esta participação ao foro democrático de convívio com o centro da cidade e outras localidades, mais as instâncias que permeiam as atividades do poder público e as devidas formas de controles do aporte do mesmo em relação ao município.

Em cada casa visitada, o “calor humano” se mostrou como característica de quem sabe acolher – foi inevitável a comparação de como tem se dado de modo esvaziado e paranoico a base das relações sócio espaciais afetivas nos grandes centros urbanos. Após poucos minutos de prosa em ‘estar com o estranho’, o ‘dono da casa’ se ausentava e voltava com algum presente: um saco de laranja lima ou limão galego (outrora dois sacos diferenciados, sendo um do mais comum e outro do galego), um combinado de cocos e

¹⁶ Diversas praias turísticas embelezam a região, dentre elas: Grussaí, Chapéu de Sol, Açú e Atafona, sendo essa última conhecida pelas ruínas de casas invadidas pelo mar. Também se destacam como pontos turísticos as lagoas de Iquipari e do Salgado. Apesar de tal beleza, os moradores costumam dizer que São João é cidade “para inglês ver”; uma cidade de fachada.

¹⁷ Destacam-se nesta extremidade das gerações Rayane Barbosa, 14, estudante do 9º ano do ensino fundamental da Escola José Alves Barreto (sendo a que contém a menor idade no NVC) e o senhor Benedito Pedra com mais de 65 anos (aquele com a maior idade, respectivamente). Sobre este último, o destaque de que se trata do primeiro capitão da Marinha de São João da Barra e fundador da Colônia de Pesca.

cachos de bananas, um punhado de quiabo, pimenta, sementes... abraços. A colheita apontava, nesse instante, para uma dupla direção: o esboço à compreensão de que há de se ter cada vez mais o reconhecimento de ecossistemas afetivos, Aqui, observa-se também chamadas ou prelúdios que ratificam o “cultivo de entornos sociais” (VIZER, 1983), cujo cunho ‘ecológico’ deve ser pensado numa dimensão ampla do termo, recolocando a ideia de processos comunitários mediante o aprendizado de práticas e estratégias para garantir os recursos de desenvolvimento sustentável (VIZER, 1983) – estava bastante evidente que a proposta do esquete iria bem além do que se esperava.

Voltamos ao NVC de São João da Barra do Territórios do Petróleo, ora um território adotando uma performance que unia pertencimento e *desterritorialização*; efeitos destas ações que se dão num *fluxo rizomático*¹⁸, na leitura de Deleuze (PASSOS; KASTRUP & ESCÓSSIA, 2015). Por volta das dezoito horas estávamos na sede do NVC. Havia chuva, mas estavam todos lá. Aliás, havia mais gente que no primeiro dia – o que move as pessoas é o que faz as pessoas se moverem.

Em cena Laís Guimarães, Elias Monteiro, Victor Hugo Meirelles, Maria de Fátima Costa, Jessiane Barbosa, Jéssica Barbosa, Rayane Barbosa (sendo três irmãs), Renata Almeida, Marilda Barbosa, Joberto Junior, Hércules Adans, Francerlei Júnior e Rosângela Ferreira – é com ela que foi testada o prólogo, cuja expressão se deu num texto com forte tecido poético. Rosângela, sem qualquer comprovação de currículo que a pusesse como referência de protagonismo no mundo das artes, em menos de meia hora já havia decorado quase todo o texto. Assim dizia: “[...] *comunidade que penetra na minha pele/ história que sussurra em meus ouvidos/ e em cada ouvido uma história que sussurra na minha pele [...] povo, participação, cidade colada em meus pés, mãos à obra*” (AZEVEDO & DOMINGOS, 2018).

Embora não houvesse tal “currículo”, Rosângela tinha uma vivência peculiar enquanto cidadã e conhecedora hábil das realidades e contradições presentes no seu município; por esse motivo continha tal propriedade em seu discurso – vezes seu corpo tremia nos ensaios; não por receio, claramente, por um grito de transformações que ali rondam. Por outro lado, o mérito de sua participação no NVC se complementava a partir do modelo de educação não formal do mesmo; quando ali trocava e recebia informações sobre as questões possíveis do emprego dos royalties e de seu papel enquanto parte de uma

¹⁸ Na metodologia de pesquisa (mais ampla) que o referente artigo se insere, a “Cartografia Social” será a base de análise e ação. Nela, a questão rizomática se evidencia à destituição de núcleos ou centros fixos para observar a mobilidade dos efeitos vetores das práticas comunitárias em consideração.

sociedade civil organizada. Portanto, seu texto de introdução falava do que sempre já dizia, mas agora ele era conduzido por um modo distinto de impacto e partilha, localizado seus verbos de ligação (estar, permanecer, ser etc) para a criação ou, minimamente que seja, a imaginação de outro ambiente possível; transmissão e, conseqüentemente, recepção da palavra por outras vias de expressão da mesma. A “palavra”, lembremos, nas suas disposições do ‘teatro’ (da representação) e da ‘escrita’ – nos termos evidenciados por Platão (RANCIÈRE, 2005) – remetem a outros dispositivos de “biopoder”.

No fim de sua cena, ao abrir os braços e, em seguida apertar as mãos, Rosângela convidava o grupo e o público a se tornar uma voz única na cidade; o pleito do uso do direito, a vida caminhando de mãos dadas afirmando um projeto de resistência, luta e construção da cidadania – jamais finita. Era a palavra anunciada que agora tomava o corpo social, um caminho sem volta como afirmou Marilda Barbosa¹⁹, na véspera da pré-estreia: “felizmente, esse é um caminho sem volta. A gente agora encontrou aqui (no teatro), também, outra forma de narrar nossos problemas”.

Figura 1: Ensaio coordenado pelo professor Rafael Lamparão²⁰



Fonte: Renata Almeida

O antropólogo interpreta, o criador imagina e o educador provoca. É seu papel neste processo tanto incitar a curiosidade, já que a sociedade capitalista produz “homens espectadores e não recriadores do mundo” (FREIRE, 1970), quanto contribuir na superação do conhecimento “ingênuo”:

O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só

¹⁹ Dona Marilda, conforme relato das técnicas não emitia uma palavra sequer. A montagem do esquete é um divisor de águas nesse sentido de participação mais efetiva dela no NVC.

²⁰ Em sua metodologia de ensino utiliza o “Teatro do Oprimido”, através da referência de Augusto Boal.

no nível intelectual, mas no nível da ação. (...). Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo. (FREIRE, 1970: p. 86-87)

Muitas situações se desdobram neste convívio entre trocas, debates mais acalorados e aproximações que se dão através do lúdico do fazer comunitário. Algumas delas que às vezes parecem triviais, ao contrário geram uma série considerável de mobilidades e espaços ímpares de conexão com o projeto. Nesse ínterim, leia-se que a comida não cumpre apenas sua função ordinária de saciar. Num grupo quando se lancha, enquanto lancha, deslancham-se uma série de circuitos, micro percepções, macro lideranças, poderes, sabores e performances – o “divino social” se manifesta à luz de tantas situações (MAFFESOLI, 2002). Deve-se estar atento.

Sabia que o tempo era exíguo, que não havia nenhum ator profissional ou que houvesse vivenciado tal ofício como escola. Precisava de uma célula criativa ou algo que servisse de espinha dorsal à montagem. Não podia ser textos enormes e super ensaiados; era outra coisa. Foi então que quando estava no escritório do NVC ouvi uma voz servir de estribilho aos meus ouvidos; talvez Laís fizesse isso sempre nas reuniões; ensaios de meninice exagerados, cabelos supra fônicos e gestos esgarçados na presença de quem autoriza a si mesma invadir espaços, o lugar mais belo da violência fundadora. Mas se era comum e tácito que ela assim agisse, é também do mais simples que surge o embrião do extraordinário. Essa era a célula que procurava: a música e, Laís Guimarães, 17, era a maestra; uma das mais talentosas e rebeldes que encontrei em povoados e cidades pequenas: “senti-me muito valorizada e estou, ainda mais encantada com esse projeto”.

Dali em diante, o grupo se multifacetou em solistas, coro, duetos, paródias, teatro musical e formas diversas que foram nascendo da interação dos ensaios e outras disposições de ocupação do próprio núcleo por parte dos sujeitos envolvidos – mais que contato, adentramos no “tato com”. A questão do transporte (do ir e vir) se fez elemento narrativo que se desdobrara em ímpares situações do cotidiano e, pouco a pouco foi costurando cada cena e o desempenho dos participantes.

Gente que não falava uma palavra sequer, agora opina, canta e dirige em determinadas circunstâncias. A perspectiva da montagem foi além, como assim situam Anna P. Eckhardt e Renata Almeida²¹:

Eles estão muito empolgados. Muitas coisas foram acontecendo durante. Tinha gente que passou a falar ou que não se falava e interagiu. Tem sido muito bom ver isso acontecer, porque vai muito além das expectativas da própria ideia que a gente tinha sobre a peça. Isso vai ajudar no nosso trabalho.

É chegado o dia da primeira apresentação (ou pré-estreia) na cidade de Campos dos Goytacazes, na sede do Projeto Territórios do Petróleo. A mesma serviria de termômetro para a semana seguinte quando a fariam para um público e espaço cênico bem maior, conforme evento. Na sala de tábua corrida contendo um mini tablado de aproximadamente 20 m² os participantes buscam se localizar; atitude de quem tem agora outro *know how* sobre o palco. Aquecem a voz e cantam abraçados a música que encerra o esquete e inicia como epígrafe desse tópico do artigo. Retomemo-la parte a parte: (1) cidade pede um transporte para todos/ a van que leve o idoso para o posto/ e a criança não pode ficar de fora/ ônibus passando no horário pra escola. Em quatro breves versos, a composição descreve o drama da cidade, quando o transporte público nega direitos e tenta invalidar um projeto de educação e do acesso aos serviços básicos da população. Escárnio do poder quando seus trotes pisoteiam os corpos e, vê-se o Estado descumprir a lei e sem quaisquer formas de sanção seguir sua vigência irresponsável.

A seguir, canta-se: (2) adolescente em busca de formação/ participando do futuro da nação/ a voz que fala, com atitude e muita garra/ é terra fértil de São João da Barra. A resposta é imediata na segunda parte, haja vista a necessidade de mudança de representação da “terra” ou do estigma que percorre o *etiquetamento* de toda uma forma de comunidade enquanto inábil. Eles dizem “não!” Nada passivos atuam como altivez, vendo na (in)formação uma garantia de resplandecer um amanhã mais responsável e igualitário, com atitude permanente sobre a participação social e as práticas de mobilização ao debate das principais questões que afligem o município.

E por fim: (3) ê, ê quero saber se o dinheiro é pra fazer/ quero saber ou se o dinheiro é pra você. O refrão reúne o dilema do qual está o *pilotis* e também a copa da qual trata esse projeto: o controle social e a distribuição bem aplicada dos *royalties*. Se o

²¹ É de suma importância destacar o papel das técnicas do NVC, sendo além de mediadoras das reuniões, também articuladoras de uma dinâmica interna que transborda seu primeiro papel. Ressalta-se, ainda o nome do agente de mobilização Joberto Junior.

recurso chega, então para onde e de que forma está sendo utilizado o mesmo? O que se pode fazer sobre tal abordagem? O NVC sabe e questiona.

Figura 2: Apresentação do esquete “Terra Fértil” em São João da Barra



Foto: Banco de Imagens Territórios do Petróleo

Escutemos um pouco mais a voz dos participantes sobre a experiência, representados, respectivamente, por Marilda Barbosa e Maria de Fátima Costa: “Nunca imaginei que algum dia na vida participaria de uma peça teatral. Aquele momento vai ficar marcado na minha memória”. Comentam em seguida as técnicas Anna Paula e Renata que essa forma de percepção é importante, pois produz o sentimento de que “nunca é tarde” para se viver novas situações. Já Maria de Fátima ressaltou: “o PEA mudou minha vida, porque antes de participar mal falava e agora não apenas falo, mas canto e ainda enceno”. As técnicas lembram ainda que ela afirmou somente ter se descoberto como pessoa depois de “velha” e, que agora nada a abate. Em ambas, observamos como o processo coletivo e comunitário, bem como as expressões de cunho artístico aparecem como possibilidades do universo pedagógico implementado pelo projeto. Nos depoimentos aparecem pessoas com o protagonismo de um ser “recriador de mundo”. Por outro lado, conforme nos alentam as técnicas, está o fato de que os participantes aumentaram consideravelmente a percepção do que se pode fazer com a “informação”, quando não, já as perguntam sobre essa experiência: "quando teremos outra?"

Considerações finais

Em função do constatado, espera-se dar continuidade às ações; de fato, outras estratégias a auxiliar os participantes no avanço do uso da informação responsável, no que tange às questões de controle social, *royalties* e os impactos da indústria do petróleo. Mas, sabemos que isso deva ocorrer, a partir da reflexão sobre o contexto, a realidade atuante e numa esfera que envolva uma série de articulações no âmbito (local; intermunicipal e que

envolva a participação e ou a referência de outros programas de educação ambiental). Por outro lado, deixar-se sensibilizar pelas estéticas “fora-de-lugar” ou do “lugar-de fora” é uma forma democrática que comporta uma liberdade individual dentro do grupo; conexões que reverberam vozes e ritmos de um Brasil polifônico e diverso. Nesse sentido, vê-se um cruzamento de instâncias que se justapõem à compreensão mais apurada do fenômeno: tempo, espaço, atividades; o deslocamento dos fazeres locais como arte de ocupação da cena pública à participação social (VIZER, 1983).

A experiência interpretada nos aproxima de outra metodologia que vem ganhando adesão e aderência na nossa atualidade: a educomunicação (BRASIL, 2005). Nesse caso, a arte se faz mídia ou gramática política alternativa. As práticas artísticas são “maneiras de fazer” a intervir (de modo sutil, às vezes nem tão sutil assim) na distribuição geral das outras maneiras de fazer. Enquanto experiência (BENJAMIN, 1994), pode trazer de volta à esfera pública questões sociais, aparentemente, naturalizadas. Tais problemas, encarnados noutra inscrição política e mediados por estéticas inovadoras nos chamam a atenção, tornando-se uma estratégia de conflito. Inscritos na categoria “mundo de artes” (BECKER, 1977), esses atores sociais produzem uma lógica interna de gestão que choca com os pressupostos da modernidade. Reconnectam o que este paradigma deixou de fora com a égide da racionalidade – a emoção, a mística do mistério, o simbólico e a sensibilidade.

O que está por trás desse movimento é a lógica da paixão, prevalecendo muito menos a inteligência propriamente dita do que a sensação. A “comunidade emocional” pós-moderna está ativa e o movimento está no verbo representado pelo corpo, a palavra e o ritmo – via de catarse e expressão onde o sujeito expressa a descrença na política tradicional. O “biopoder” está encarnado na “religião”, não no sentido partidário, mas na profunda experiência original da mesma – o “religar-se” (MAFFESOLI, 2002). Nasceram formas de fazer política pelo conjunto dessas novas inscrições. É importante repetir: não se trata apenas de uma questão cultural, mas de política. Nesse caso, o desenvolvimento de uma técnica fundamental a ativar outros modos de produção e protagonismos na cena pública: o hoje, o amanhã e o papel crítico desse cidadão planetário e comunitário.

Referências:

AZEVEDO, Paulo Emílio Machado de; DOMINGOS, Marina. **Terra Fértil**, 2018.

BECKER, Howard. Mundos artísticos e tipos sociais. In: **Arte e sociedade: Ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **La Distincion: critérios y bases sociales del gusto**. México: Taurus, 1979.

BRASIL. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Série Documentos Técnicos – 2. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Maria T. de A. **A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de Pesquisa, n. 116, jul. 2002. p. 21-39.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

IBGE:

https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2017/estimativa_dou.shtm

INFOROYALTIES: <https://inforoyalties.ucam-campos.br/>

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAFFESSOLI, Michel. **O Tempo das Tribos - o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.7

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia & ESCÓSSIA, Liliane (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PETRÓLEO, Projeto Territórios do. **Royalties e Vigília Cidadã na Bacia de Campos**. PEA-BC, abril 2016. (Plano de trabalho).

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SILVA, Hélio R. S. **A situação etnográfica: andar e ver**. Horizontes Antropológicos: Porto Alegre, ano 15, n.32, p. 171-188, jul/dez, 2009.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O local e o global: limites e desafios da participação cidadã**. São Paulo: Cortez, 2001.

VIZER, Eduardo; CARVALHO, Helenice. **Socioanálisis y comunicación en comunidades y organizaciones sociales**. Agenda Social: Campos/UENF, V.5, n.1, p. 21-39, jan/abr, 2011.

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 15-04-2019.